



Data: 04.01.2015

Titulo: Viana do Castelo vive "ano trágico" com sete bebés afastados das mães à nascença

Pub: **Jornal de Notícias**



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7



RECÉM-NASCIDOS P.6 E 7

Viana do Castelo vive "ano trágico" com sete bebés afastados das mães à nascença

2014 foi o pior na história da maternidade. Uma das crianças foi abandonada na cama do hospital pela mãe e pela avó

Área: 1370cm² / 40%

Tiragem: 106.993 FOTO

4 Cores

ID: 5012213

Sete recém-nascidos privados do colo das mães



Maternidades estão equipadas com sistemas que permitem a proteção dos bebés

Área: 1370cm² / 40%

FOTO Tiragem: 106.993

Cores: 4 Cores

ID: 5012213

ARTUR MACHADO/CLOREAL IMAGENS

Ana Peixoto Fernandes e Inês Schreck

sociedade@jn.pt

Sete recém-nascidos no Hospital de Viana do Castelo não conheceram o colo das suas mães em 2014. Foram abandonados, entregues para adoção ou retirados pela Segurança Social. É "inédito" no distrito.

Paula Pinheiro é diretora do serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Centro Hospitalar do Alto Minho e nunca viu um ano assim. Fala com surpresa e desgosto: "É uma situação trágica".

"Infelizmente, entregues a instituições sociais tivemos sete bebés em 2014", enumera Paula Pinheiro. Aquele número inclui um caso "muito mediatizado" de uma mãe adolescente romena que abandonou o filho no hospital de Viana. "Foi um ano trágico para nós. Foi muito mau", repetiu ao JN.

"A maternidade vai fazer 50 anos em 2017 e este foi o maior número de sempre de situações de abandono. Estamos a falar num universo de 1500 nascimentos. Para nós foi uma surpresa", continua.

Todas as crianças foram encaminhadas para instituições de solidariedade social. "São situações em que as mães entregaram os bebés voluntariamente, são filhos não desejados e houve duas em que os bebés foram retirados por

falta de condições. Alguns são filhos de adolescentes", explicou a médica, revelando que a taxa de abandono naquela unidade hospitalar sofreu "um aumento significativo nos últimos anos".

De entre os sete casos, está o de um bebé recém-nascido do sexo masculino que, em setembro, foi abandonado pela mãe, uma adolescente com 16 anos, e pela avó, em cima da cama no quarto do hospital. A situação foi, na altura, reportada à PSP e a criança foi entregue ao Berço, instituição particular de solidariedade social (IPSS) que acolhe bebés e crianças em risco em Viana.

Embora continue a acontecer, o abandono de bebés nos hospitais é uma situação cada vez menos frequente. Algumas maternidades do país, contactadas pelo JN, como a do Centro Hospitalar de Gaia/Espinho, o Centro Materno-Infantil e o Hospital de Braga revelaram não ter registado casos de bebés abandonados. Em Gaia, houve um recém-nascido entregue para adoção.

Em Lisboa, durante o ano de 2014, houve pelo menos um bebé abandonado. Um caso de um recém-nascido sírio deixado pela mãe, em fevereiro passado, no Hospital de Santa Maria (íntegra o Centro Hospitalar Lisboa Norte). Como foi então divulgado, a mãe fazia parte do grupo de refugiados sírios que chegou a Portu-

gal em dezembro de 2013.

Ainda em Lisboa, não foi possível obter, em tempo útil, os dados do Hospital Fernando da Fonseca (conhecido por Amadora-Sintra), que responde a uma população muito carenciada e com grande prevalência de imigrantes, onde frequentemente há casos de bebés entregues a instituições sociais.

No ano passado, o JN questionou vários hospitais do país e não encontrou situações de abandono, o que configura crime (ler em cima). Porém, nove recém-nascidos tinham sido entregues nas mãos das assistentes sociais para adoção.

Quando assim acontece, há uma série de trâmites a cumprir. Após o nascimento, a mãe é obrigada a registar a criança e num prazo de seis semanas é presente a um juiz para dar o consentimento para adoção. Nesse momento, perde todos os vínculos ao bebé.

Mas se a criança for abandonada no hospital, o processo é diferente. A instituição de saúde é obrigada a comunicar a situação ao Ministério Público, que desencadeia o processo junto do Tribunal de Menores. ●

ABANDONAR UM BEBÉ É CRIME

Abandonar um bebé é um crime punível com pena de prisão

de 2 a 5 anos, quando praticado pela mãe. Porém, o abandono num hospital configura uma situação menos grave do que na via pública, como em Setúbal (ler página seguinte), onde a criança ficou exposta a riscos acrescidos. Além dos serviços sociais dos hospitais estarem mais atentos a estes casos, as maternidades estão equipadas com sistemas de videovigilância que visam a proteção dos bebés, mas também ajudam a inibir eventuais fugas.



"Há um número demasiado elevado de interrupções voluntárias de gravidez: cerca de 180".

Paula Pinheiro
Dir. Obstetrícia CHAM



5 PERGUNTAS A //LUÍS VILLAS-BOAS

"Há um enorme trabalho a fazer com estes bebés que correm muitos riscos".

Luís Villas-Boas Diretor do Refúgio Aboim Ascensão

1. Como vê estes casos de crianças abandonadas nos hospitais?

É muito grave. Há um enorme trabalho a fazer com estas crianças de baixa idade que correm muitos riscos.

2. E por onde devemos começar?

Por uma rede nacional de emergência infantil. Já fiz este pedido há dois anos e volto a fazê-lo. Portugal é de-

masiado pequeno para que haja um bebé abandonado num hospital que não tem para onde ir. Isto não pode acontecer. As instituições têm de se unir, têm de trabalhar de mãos dadas com os tribunais para darem melhor resposta a estes casos.

3. E por que essa rede ainda não avançou?

Em outubro de 2012, fui convidado para presidir ao grupo de trabalho Agenda Criança e apresentámos um relatório com um conjunto de conclusões. Estas serviram de base a uma resolução do Conselho de Ministros [publicada a 11 junho de 2013] que aborda a proteção, o acolhimento, a adoção e a emergência infan-

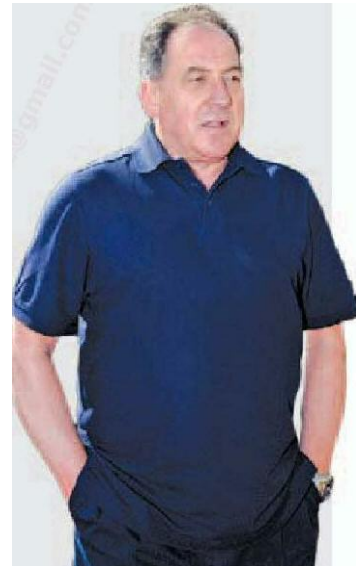
til. Em cada área há muitas situações a mudar. Algumas têm avançado, outras não.

4. O que mais o preocupa?

O dossiê criança está muito doente na proteção, no acolhimento, na adoção e na emergência infantil. Temos muitas crianças com fome e frio neste momento. Mas continuamos a estar muito preocupados em fazer conferências e fóruns. Temos de agir e não de falar.

5. O Refúgio Aboim Ascensão recebeu, em 2014, muitos bebés recém-nascidos?

Neste momento [ontem] temos connosco 83 crianças, das quais entre 30 e 40 muito pequenas. ●



Hospital obrigado a comunicar às autoridades

Quando uma criança é abandonada numa maternidade, o hospital é obrigado a comunicar o problema ao Ministério Público, independentemente da nacionalidade e da situação legal dos pais do bebé.

Mãe pode recuperar bebé meses depois

Se a mãe do bebé abandonado aparecer durante este período, o processo é interrompido e, se houver condições, a criança é entregue à mãe, uma vez que a lei privilegia a família biológica.

Ministério Público investiga e tribunal abre processo

O Ministério Público averigua o paradeiro dos pais e pede ao Tribunal de Família e Menores que abra um processo de promoção e proteção da criança. Se os pais não forem encontrados, o tribunal pode decretar logo a adoção.

REPORTAGEM Instituição Berço, em Viana do Castelo, acolhe há 11 anos crianças retiradas aos pais pelo tribunal, Segurança Social, hospital ou que são simplesmente abandonadas **Por** Ana Peixoto Fernandes

Ismael, hoje adotado e já com outro nome, foi um dos quatro bebés do sexo masculino que, ao longo deste ano, foram levados diretamente da maternidade de Viana do Castelo para o Berço – Centro Temporário de Acolhimento de Crianças em Risco, na mesma cidade.

Foi um caso de rejeição materna, mas que teve “um final feliz”, segundo Matilde Arantes, a diretora da instituição. “A mãe disse que não o queria. Nem sei para que é que lhe pôs o nome. Felizmente, esteve aqui três, quatro meses, e depois foi para adoção. Foi tudo muito rápido. Sei que lhe mudaram o nome e que foi mesmo muito bem entregue”, conta aquela responsável.

Dos restantes três recém-nascidos entregues ao Berço, neste momento, apenas um, o último a entrar, em 15 de dezembro, permanece na instituição. É um rapaz nascido há pouco mais de um mês, filho de mãe toxicodependente. O pai está preso.

“É um caso de negligência, falta de condições habitacionais, financeiras e consumo de drogas. O bebé veio diretamente para cá da maternidade”, conta Rosa Meira, coordenadora do Berço.

Caso resolvido

Já resolvidos estão os casos de um recém-nascido, fruto de uma ralação entre uma adolescente romena (16 anos) com um homem de etnia cigana, e que foi abandonado pela mãe e avó materna no

“A mãe disse que não o queria”



Berço já acolheu mais de 300 crianças ao longo dos seus 11 anos de existência

hospital, em setembro. A família do pai tomou, entretanto, conta da criança. E o de um bebé do sexo masculino que também “esteve muito pouco tempo” no Berço. Filho de uma adolescente, com 16 anos e de nacionalidade portuguesa, inicialmente foi rejeitado pela família desta, que acabou por acolhê-lo após intervenção da psicóloga do hospital.

“Não tem havido casos de crianças postas à porta, como já aconteceu. O que temos são casos que vêm via tribunal, Comissão de Proteção de Menores ou via hospital”, afirma o padre Artur Coutinho, responsável da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, a que pertence o Berço.

A instituição criada em janeiro de 1993, em Viana do Castelo, acolhe atualmente

21 crianças, entre os 0 e os 12 anos, das quais 15 entraram em 2014. Ao longo das últimas duas décadas, foram “mais de 300”, recorda o pároco, que lamenta os dramas que constantemente lhe batem à porta. “Há cada vez menos interesse pela vida dos outros e isso reflete-se no abandono. Abandonam-se as crianças, os idosos, abandonam-se tudo”. conclui. ●

BEBÉS ABANDONADOS

28/12/2014 Num cesto à porta de colégio de freiras

Na madrugada do último domingo de 2014, um bebé recém-nascido foi abandonado à porta de um colégio de freiras em Setúbal, ainda com o cordão umbilical. Foi encontrado por um ciclista que seguia na Estrada dos Ciprestes a caminho do trabalho e estranhou uma cesta aban-



donada com mantas no local. O bebé estava numa cesta de vime, embrulhado num cobertor. Eram 3.30 horas e a temperatura estava muito baixa. A intervenção de José João Fernandes, o ciclista de 40 anos (na foto) foi decisiva para salvar a criança. O homem disse antontem ao JN que gostava de ser padrinho do bebé. A PJ está a investigar o caso.

13/09/2013 Embrulhada em xaile junto ao hospital

Uma bebé com cerca de um mês foi encontrada, a 13 de setembro de 2013, numa paragem de autocarro, no Porto. A menina estava embrulhada num xaile dentro de um saco térmico. A paragem em que foi encontrada situa-se junto ao Hospital da Prelada e mesmo em frente a uma esquadra da PSP. A



menina foi encontrada por um homem de 29 anos, que estranhou a existência do saco, quando estava a sair de um autocarro. O homem dirigiu-se à referida esquadra da PSP, enquanto a menina dormia, o que significava que estaria alimentada e devia ter sido abandonada há pouco tempo. A bebé foi depois assistida no Hospital de São João, no Porto.

01/10/2011 Deixado numa caixa em Vila do Conde

Um recém-nascido, que aparentava ter cerca de uma semana, foi encontrado, a 1 de outubro de 2011, em Vilar do Pinheiro, Vila do Conde. O bebé foi deixado numa caixa de plástico junto à entrada de um prédio. Ao lado, estava um saco de papel com leite em pó, um biberão



e uma fralda. Foi encontrado por José Faria (na foto). A mãe, de 30 anos, empregada numa lavandaria, entregou-se às autoridades pouco depois e confessou-se arrependida. Disse que tinha três filhos e que foi pressionada por familiares para não ter mais filhos. Inicialmente, o bebé foi entregue a uma tia, mas depois foi devolvido à mãe biológica.

24/09/2011 Em saco de plástico junto ao cemitério

A 24 de setembro de 2011, uma menina com poucas horas de vida foi encontrada dentro de um saco de compras de plástico, embrulhada num cobertor, junto ao cemitério de Agramonte, no Porto. A recém-nascida, que pesava 3,5 quilos e media 50 centímetros, foi encontrada por Armando



Cardoso (na foto), que passava pelo local e ouviu o choro da bebé. Após o alerta às autoridades, foi levada para o Hospital de S. João. Enrolada num toalha de rosto e colocada num saco de plástico reutilizável, a bebé não tinha ainda o cordão umbilical fechado e encontrava-se com marcas visíveis do parto. Eram também perceptíveis as marcas de humidade e de sangue.